



Cardoso recebeu em sua casa, em São Paulo, integrantes da equipe econômica e o cineasta Arnaldo Jabor

185 Cardoso vai à luta para ter maioria parlamentar

O presidente eleito Fernando Henrique Cardoso assume pessoalmente esta semana a articulação para assegurar uma ampla maioria parlamentar a seu governo, que possibilite a aprovação no Congresso Nacional das reformas que considera indispensáveis. Amanhã, Cardoso faz sua principal aposta: tenta, em encontro com o presidente do PMDB, deputado Luiz Henrique, acertar o apoio do partido, que detém as maiores bancadas na Câmara e no Senado no novo Legislativo. O PMDB, como sempre, está de novo dividido: a grande maioria, porém, quer apoiar Cardoso, desde que não seja reservado ao partido um papel de mero coadjuvante no futuro governo. O resultado das eleições ajuda o entendimento: os quercistas, principais defensores entre os peemedebistas de uma postulação de oposição, saíram enfra-

quecidos das urnas.

Fernando Henrique vai se reunir, também, com os presidentes dos partidos da coligação que o elegeu. Os tucanos sentam à mesa com o cacife de terem eleito no segundo turno os governadores do chamado Triângulo das Bermudas — São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais —, os três estados considerados mais importantes do País. O presidente do PFL, Jorge Bornhausen, apesar do fraco desempenho do seu partido nas eleições majoritárias (passa de nove para dois governadores), mostrará a força de suas bancadas no Congresso Nacional, inferiores apenas às do PMDB. O presidente do PTB, senador José Eduardo Andrade Vieira, tem ainda menos cacife para exibir: bancadas pequenas e apenas o governador eleito de Roraima. Os dois partidos

apostam no trunfo de terem sido os primeiros a apoiar Fernando Henrique, quando a sua candidatura ao Planalto ainda não era favorita.

Com o interesse demonstrado por outros partidos, como o PPR, PP e PL, de adesão a Cardoso, o presidente eleito pode montar uma base parlamentar com número suficiente de deputados e senadores para aprovar as reformas constitucionais pretendidas pelo novo governo. Até o momento, estão de fora das negociações apenas os partidos de esquerda. Mesmo assim, há demonstrações de boa vontade com o Planalto da parte dos governadores eleitos pelo PDT (Jaime Lerner, Paraná; e Dante de Oliveira, Mato Grosso) e do PT (Cristovam Buarque, Distrito Federal; e Vitor Buaiz, Espírito Santo).